

27 SET 1989

Perspectivas

É pouquíssimo provável que o governo parta para algum tipo de constrangimento aos portadores da LFT no mercado aberto. Mas é também fora de dúvida que as autoridades econômicas têm algo em mente para impedir que a dívida pública interna continue crescendo à razão de 3 bilhões de cruzados novos ao dia. Se não têm algo em mente é porque perderam o controle da situação.

Há dois seriíssimos problemas no ar. Um é o da dívida pública, a esta altura impagável, tal como a externa e, também como esta, impossível de ser atendida sequer no seu serviço. O outro é o das dívidas do sistema produtivo privado, aquelas tomadas para investimento em capital fixo. Corrigidas a um nível próximo de 50 por cento ao mês elas se tornaram também impagáveis.

Quanto ao primeiro problema, tudo indica que poderá sobrevir um congelamento geral. Inócuo como antídoto para a inflação — ainda mais depois de desgastado por tantas experiências mal-sucedidas — ele serve, entretanto, para degradar a dívida mantendo-a estagnada por alguns meses. É uma espécie de confisco incruento, que não causa traumas nem corrida aos bancos. O segundo problema, a esta altura, terá de ser enfrentado por algum tipo de expurgo que minore os efeitos desastrosos da correção passada. Caso contrário o passivo financeiro de milhões de empresas ultrapassa-

rá o valor dos seus ativos, criando-se para elas e para a economia, como um todo, situação insustentável.

Não se deve esperar a queda ou a estabilização da inflação por efeito de medidas de política econômica. O governo esgotou seu arsenal de recursos intelectuais para fazê-lo e esgotou também as reservas de força política. As reuniões que o ministro Mailson da Nóbrega projeta realizar com empresários são, com toda clareza, uma cortina de fumaça, como nas vésperas do Plano Verão. Deve-se esperar, sim, medidas de força policial como o congelamento. Mais do que isto. A esta altura é imprescindível que o governo parta para uma solução desse tipo ou poderemos não ter eleições.

Eleições e hiperinflação são fenômenos incompatíveis, social e politicamente. Com inflação a 100 por cento ao mês corre-se o risco de se ver Marronzinho eleito. Ou ele ou outro melhor vestido. Hiperinflação é também incompatível com a estabilidade do governo que a tenha ocasionado. Invariavelmente, o governo acaba antes da hiperinflação.

Estamos vivendo às vésperas do desconhecido. A melhor hipótese a que se deve recorrer neste instante é de estar o governo preparando um novo "choque" porque, obviamente, esta situação que está aí é insustentável por um período superior a semanas. Estamos a um passo da corrida ao dólar e ao ouro, o começo do desastre.